**GEOGRAFIA E PSICOLOGIA:**

**A EXISTÊNCIA GEOGRÁFICA NO MEIO AMBIENTE**

LOPES, Jahan Natanael Domingos[[1]](#footnote-1)

RESUMO:

Delineou-se este estudo na perspectiva que relaciona a geografia com a psicologia; logo, entende-se o meio enquanto elemento geográfico que conecta ambas as ciências. Nesse caminho, teceu-se a relação para com a existência geográfica na abertura ao mundo. Desta forma, perscrutou-se, além da acurácia para com as bases da psicologia existencial, uma enfática às relações, na diferencialidade temporal da consciência, aos lugares e sua capacidade motriz das patologias mentais e corporais. Ainda, pensou-se, com mais detalhamento, na questão da natureza do meio e o corpo que, por meio dele instaura, na mentalidade, a náusea, sendo que a abertura do mundo geográfico trama uma relação das habitações salubres e insalubres. Assim, refletiu-se, sobretudo, sobre a política relacionada com a configuração do meio e a racionalidade intencional embutida na desigualdade, ainda que, força-se, que o atento às noções existenciais permita uma melhor perspectiva quanto ao estímulo organizado e acurado de políticas públicas para a melhoria da saúde pública devido à relação para com o geográfico. Visou-se, ainda, à relação do meio, tanto enquanto topofílica quanto topofóbica, pontuando, mais especificamente, a náusea, conceito a acoplar, à existência, as doenças dos ambientes insalubres e a consciência dos residentes dos lugares salubres. A percepção da humanidade, como totalidade no mundo, tem a necessidade de inserir-se nessa coletividade à busca de uma sociedade mais sadia à existência.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Geografia psicológica; Ontologia; Meio.

ABSTRACT:

This study was outlined in the perspective that relates geography to psychology; therefore, the medium is understood as a geographical element that connects both sciences. In this way, the relationship with the geographical existence in the opening to the world was woven, in this way, it was scrutinized, in addition to the accuracy with the bases of existential psychology, an emphatic relationship, in the temporal differentiality of consciousness, places and its motor capacity for mental and bodily pathologies. Still, the question of the nature of the environment and the body was thought in more detail, which, through it, introduces nausea in the mentality, with the opening of the geographical world plotting a relationship between healthy and unhealthy dwellings. Thus, it was thought, above all, about the policy related to the configuration of the environment and the intentional rationality embedded in inequality, although, it is forced, that the attentive to existential notions allows a better perspective regarding the organized and accurate stimulus of public policies for the improvement of public health due to the relationship with the geographical. It was also aimed at the relationship of the environment, both as topophilic and topophobic, pointing out, more specifically, nausea, a concept that couples the illnesses of unhealthy environments and the awareness of residents of healthy places to existence. The perception of humanity, as a totality in the world, has the need to insert itself in this collectivity in the search for a healthier society for existence.

Keywords: Geographical thinking; Psychological geography; Ontology; middle.

**INTRODUÇÃO**

*A coisa que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. – Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, reflui sobre mim. Existo.*

*(Sartre, 2019, p. 117)*

É-se importante destacar que a epistemologia da geografia está aberta a amplas interconexões e, entre elas, a psicologia. A fim de perscrutar essa relação, historicamente, considera-se, como ponto de partida, o meio – um complexo entre homem e natureza – o qual interessa às duas ciências: à geografia pela espacialidade (pelo modo de ser espacial) e à psicologia pela *psique* que se realiza em um contexto geográfico. Assim, constrói-se uma ponte pelo conceito de meio entre as duas ciências e que produz uma síntese analítica, percebendo-se uma tarefa de perpasse mútuo e inclusivo para, deste modo, pensar-se em uma geografia psicológica e em uma psicologia geográfica. Nessas dimensões, adentrar-se-á, mais especificamente, na primeira proposição, privilegiando um olhar geográfico e, posteriormente, em um percurso histórico, recortar-se-á para a psicologia existencial como proposta teórico-metodológica ao conteúdo dessa área conceitual.

Ao percorrer essa síntese, torna-se importante retomar o início da discussão com a apresentação das primeiras conexões, projetadas pelo determinismo geográfico, dos primeiros trabalhos que propunham a um encontro de geografia e psicologia, começando pelo contexto alemão do século XIX: “Ritter considerava que o meio natural era determinante do desenvolvimento da personalidade dos povos, no entanto, Ratzel, à mesma época, considerava [...] inicialmente individual e, a seguir, coletivamente ”. (TORRES, 2009, p. 59) Deste modo, percebe-se uma evolução entre uma massificação da *psique* na geografia para, na antropogeografia, ter-se uma dimensão de escalaridade humana em sua desenvoltura psíquica. Essa, pois, é a primeira experiência para com a relação psicológica, antiquada para um visionamento atual da relação.

No desenvolvimento histórico, abre-se, no século XX, uma perspectiva nomeada como “Geografia psicológica” a partir de Sorre (1954) que erige um estudo o qual perpassa a geografia médica. Nele, o autor embrenha-se em uma ampla gama de influências do meio na relação com a *psique*, estipulando uma interação intercomunicada de construção biossocial. Com mais especificidade, na obra, encontra-se o conceito de “Complexo patogênico” na interação homem e meio, percebendo que, em certas situacionalidades, a gênese das *patos* está inserida no meio, comumente por marginalização de investimento, ou seja, pela insalubridade sociointencional. Com isso, ele constrói um profundo estudo de doenças infecciosas e parasitárias que afligem a população devido à precariedade do meio habitado. Disso, alude-se a um estudo que perscruta os enlaces das duas ciências e, ainda, provoca uma área da geografia que relembra, na relação homem e meio, não apenas a natureza vil, mas a vilania da natureza transformada, podendo ser ainda mais perversa. Nesses fenômenos patológicos espacializados, no complexo patológico, a partir do homem, acometendo-os desigualmente em seu Espaço vivido. Elucida-se, no aprofundar do conceito, que:

Os complexos patogênicos propostos por Sorre receberam o nome da doença, tais como o complexo malárico, da peste, da doença do sono, dentre outros. Na abordagem ecológica de Sorre, o papel do homem na gênese e desintegração dos complexos não se restringia a sua atuação como hospedeiro ou vetor das doenças. Sorre preocupou-se com a ação humana de transformação do ambiente e seu possível impacto epidemiológico. (JESUS, 2010, p. 217).

Nessa prospecção, tem-se uma breve linha histórica da orientação do fluxo que percorre as dinâmicas da interação da geografia psicológica na modernidade. Vistos os ditames já elucidados dessa interação, aproximar-se-á da psicologia de cunho existencial como vertente possível da geografia que visiona à *psique* humana em sua *logia rumo* a uma concepção contemporânea. Nisso, delineia-se uma posição fenomenológica, ou seja, captando o fenômeno, no caso, a existência, para inserir, em seu modo de ser, uma tessitura existencial situada no meio geográfico enquanto constituinte da factualidade do mundo pela especialidade que acomete o existir. Aponta-se, no horizonte de coesão, o existir em geral enquanto uma ontologia fenomenológica e no existir mais específico da humanidade – a existência enquanto existir humano – uma psicologia geográfica sob essa epistemologia do caso geral. Essa última é o foco deste estudo.

Adentra-se, portanto, mais especificamente, na “Existência geográfica” (LOPES, 2019) que permite uma dinâmica própria do ser geográfico. Desse modo, entender-se-ão as visões da ontologia fenomenológica na posição fenomenológico-existencialista – especificamente a de Sartre (2015), pela fenomenologia do ser e a de Merleau-Ponty (2018), com a fenomenologia da percepção do ser – à guisa de uma psicologia existencial enquanto uma geografia psicológica existencial, haja vista a inserção da espacialidade do meio na interconexão. Entranhar-se-á, pois, em recorte, no hipônimo da questão: o meio geográfico enquanto conteúdo do mundo em profusão com a existência geográfica. Nesse passo, salientar-se-á sua dinâmica na relação da geografia com a psicologia sob a égide de um meio enquanto fato social *locus* de possíveis marginalização e insalubridade.

**GEOGRAFIA E EXISTÊNCIA**

*E se tivesse morrido... Esse pensamento me ocorrera. É bem o tipo de ideia que o tempo de nevoeiro estimula.*

*(Sartre, 2019, p. 91)*

Neste percurso, ao passo da psicologia existencial, torna-se necessário, sumariamente, explicitá-la. Há, com mais acurácia, uma similaridade, ou melhor, uma inspiração provinda da psicanálise, pois considerável porção de sua estrutura é semelhante à das visões freudianas em sua objetivação terapêutica e na ponderação psicossocial – contudo, sem fragmentar a mente, como produzido na segunda tópica freudiana, além de rejeitar o postulado do inconsciente, considerando-o coextensivo à consciência, e o postulado da sexualidade, conjurado pela liberdade. De antemão, atenta-se que quem preconiza a sistêmica dessa vertente é o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre (2015, p. 682), o qual, no capítulo “A psicanálise existencial”, da obra “O Ser e O Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica”, apresenta as seguintes proposições:

* “O **princípio** desta psicanálise consiste na assertiva de que o homem é uma totalidade e não uma conexão; [...] não há um só gosto, um só tique, um único gesto humano que não seja revelador. ” (SARTRE, 2015, p. 696, grifo nosso). Isso revela a noção oposta ao inconsciente velador, absoluta-se em expressão, mas manifestações da consciência, quer seja ela tética (de si mesma e daquilo que intenciona) ou não-tética (não de si, mas somente daquilo que intenciona);
* “O **objetivo** da psicanálise é decifrar os comportamentos empíricos do homem, ou seja, clarificar ao máximo as revelações que cada homem contém e determiná-las conceitualmente. ” (SARTRE, 2015, p. 696, grifo nosso). Aqui, pensa-se na estruturação da linguagem a ser construída por essa psicologia, correspondendo a utilização de conceitos que remetam às expressões, sobretudo às que incomodem o paciente;
* “Seu **ponto de** **partida** é a experiência; ” (SARTRE, 2015, p. 696, grifo nosso). Aqui entende-se a enfática fenomenológica partindo da experiencialidade cotidiana, quer seja a aportada nas memórias (passadas), intenções (futuras) ou na totalidade temporal da corporalidade (presente), atentando-se que a divisão do tempo (ser) não o fragmenta, apenas serve, como visto nos objetivos, para análise;
* “Seu **método** é comparativo: uma vez que, com efeito, cada conduta humana simboliza à sua maneira a escolha fundamental a ser elucidada, e uma vez que, ao mesmo tempo, cada uma delas disfarça essa escolha sob seus caracteres ocasionais e sua oportunidade histórica [...]” (SARTRE, 2015, p. 696, grifo nosso). Dito isso, verifica-se a experiência em sua temporalidade, marcando, com mais ênfase, os momentos destoantes, cerne para investigação psicoexistencial.

Essas posições pontuam, com clareza, os elementos que constituem a orientação de psicologia que transpassa, para sua análise, a existência. Tal proposta não necessariamente favorece apenas as ciências da saúde, haja vista que a geografia psicológica pode se utilizar desses princípios para compreender o ser humano. Ao ser, o homem, tratado enquanto uma totalidade factual, pressupõe-se uma visão mais sintética que analítica, o que se permite pensar de maneira a perceber a manifestação humana sem uma fragmentação em descontinuidade, mas a seleção de elementos que possam ser partidas metodológicas para se construir uma conexão em rede cada vez maior, por meio da interligação dos momentos dos lugares que se aglutinam na consciência. Assim, associando essa proposição com a geografia, a partir do conceito de meio, Sartre (2015, p. 700) diz: “O meio só poderia agir sobre o sujeito na medida em que este o compreende, ou seja, em que este o transforma em situação ”. Isso permite entender que o meio, enquanto confronto com a natureza circundante, também faz parte da perscrutação da psicologia existencial.

Prossegue-se, inclusive, o pensar que a leitura existencial acopla-se em uma posição de externalização visceral do ser, de forma a assentir um Em-si que recai no esvaziamento do nada e no voltar-se Para-Si em uma nadificação com tudo o que contorna o específico ser-no-meio-do-mundo. Isso, geograficamente, permite relacionar os lugares de ação neurótica ou traumáticos com a conexão dos lugares que, por conta deles, reforçam um quadro crônico de doenças mentais. Assim sendo, nos conceitos sartreanos, aprofunda-se a posição nauseante do personagem Roquentin que a percebe, no romance epigráfico deste trabalho, “A Náusea” de Sartre (2019, p. 105), quando diz: “Minha existência começava a me espantar seriamente. Não seria eu uma simples aparência? ” Essa questão encontra uma resposta afirmativa a qual admite afirmar que o aparecer do Para-Si é uma abertura para o não-ser si, assim como o ser-Em-si é nada aparente. Propõe-se, portanto, um direcionamento “para” fora de si na manifestação pura; isso se dá rumo à espacialidade do mundo, angustiando espacialmente, pelo confronto com a liberdade móbil, os lugares internos de si, inclusive os originários das patologias.

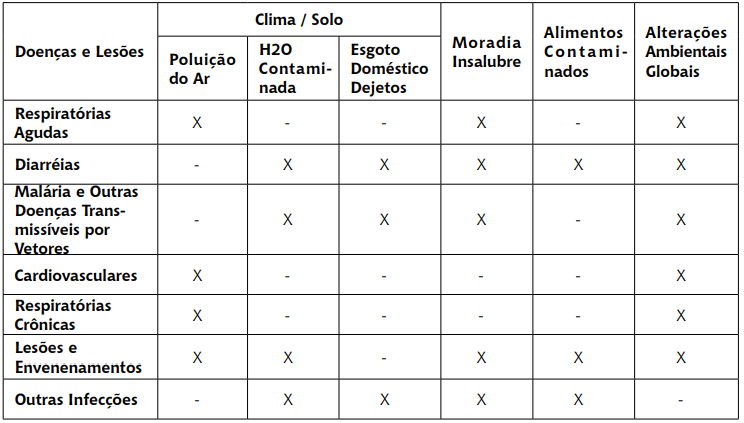
O que há no fora de si que não é si mesmo? A *Gé* (Terra) a ser grafiada (compreendida), corresponde ao elemento em que a existência está perpetuamente aberta em sua geograficidade. Deste modo, “há seriedade quando se parte do mundo e se atribui mais realidade ao mundo do que a si mesmo; ” ainda “já não tem qualquer recuso em si mesmo; sequer encara mais a possibilidade de sair do mundo, pois deu a si próprio o tipo de existência do rochedo, a consistência, a inércia, a opacidade do ser-no-meio-do-mundo ”. (SARTRE, 2015, p. 709) Nesse compasso, a experiência do mundo geográfico tem como fundamento uma externalidade que acomete profundamente sua existência, o meio, e que, portanto, está no plano de constituinte da percepção humana (na forma de Para-Si). Logo, acomete-o mais do que a si mesmo, estrangula a consciência pensar no seu horizonte ao redor e além (sua experiência) havendo lugares e tudo que os acomete – pessoas, objetos, ausências... – que reforçam neuroses, psicoses e, no reforçar intencional, perversidades.

É importante salientar que não se recai no determinismo, mas na liberdade de ser no mundo factual factualmente e na impossibilidade de se destituir do mundo que é aberto ao ser si mesmo. O mundo não limita, ao contrário, ele liberta na mais extrema liberdade, por vezes, parecendo limitar, pois é abertura constituinte do ser para se autodeterminar. Ser no mundo é ser a totalidade do mundo, uma parte si mesmo e outra parte e, não sendo o si mesmo, que é verídico ao si, projetam-se as máximas: “a realidade-humana é seu próprio nada. Ser, para o Para-si, é nadificar o Em-si que ele é. [...] a liberdade não pode ser senão esta nadificação. [...] a existência precede a essência [...] Para-além dos móbeis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre”. (SARTRE, 2015, p. 543). Disso, concebe-se que a liberdade e a angústia assemelham-se, ou melhor, alimentam-se mutuamente; a liberdade geográfica tanto impulsiona para uma vida melhor quanto também provoca sentimentos em graus de medo, horror e terror para com o horizonte de possibilidades e de impossibilidades.

Assim, na liberdade de ser a si, o mundo experenciado é nauseante; entende-se, o mundo afere ao ser - na facticidade de provocar na corporalidade humana, totalizado para o mundo - doenças devido à sua abertura exposta ao meio ambiente; alude-se, portanto, ao Quadro 1, que exemplifica essas condições. Isso, atenta-se, é uma reviravolta, pois têm-se não somente a problemática dos lugares no horizonte psíquico, até então perscrutado, mas também - em seu conteúdo natural - a influência ao corpo, provocando não apenas as doenças mentais, bem como as doenças corporais. Pensar na abertura da existência ao mundo geográfico é, pois, uma condição complexa, já que o meio aberto provoca tanto os seus horizontes representativos – de outros experienciados – quanto os reais nas entidades que promovem focos para doenças. As habitações, sobretudo impróprias, pela falta de investimento governamental, são os horizontes nos quais mais pulsam a náusea para com as possibilidades dadas, tanto que quem possui uma habitação salubre se nauseia com existir (no mundo aberto) de insalubres, assim como os de habitação insalubre se nauseiam com o existir da própria morada e com seus entornos ainda com maiores precariedades e, na revolta, com as habitações salubres.

Citar-se-á outro autor, situado enquanto amistoso à psicologia existencialista, que possibilita adensar a discussão e explicar, com mais enfaticidade, a questão do corpo que se totaliza ao mundo e que, também, exibe tanto relações topofílicas quanto topofóbicas, expressões que promulgam a posição de Tuan (1982, p. 143), ao passo em que “procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar [...].” A topofobia é um epifenômeno da topofilia e ambos os fenômenos são distintos. O segundo conceito marca o amor ao lugar e o primeiro, aversão, ambos tanto em condições psicológicas quanto corpóreo-nauseantes. Portanto, entender-se-ia, sobretudo na aversão, a originalidade da náusea, haja vista que as condições precárias, como marcadas no Quadro 1, também influenciam, negativamente, a saúde psíquica.

**Quadro 1.** Relação potencial entre condições de exposição a fatores ambientais e condições de saúde

****

Fonte:WHO (World Health Organization (1997); modificado por Jesus (2010).

Aqui, situa-se Merleau-Ponty (2018, p. 175) na seguinte proposição: “o corpo é definido pela existência em si, ele funciona uniformemente como um mecanismo; na medida em que a alma é definida pela pura existência para si, ela só conhece objetos desdobrados diante de si ”. Contempla-se uma conexão entre os conceitos sartreanos, firmando uma proposta de acrescimento das definições, situando a alma humana disposta ao mundo enquanto o Em-si, em vez de vazio, apresenta-se enquanto corporalidade. Politicamente, sabendo disso, o planejamento espacial deve contabilizar as relações do meio com o corpo, para corrigir a desumanidade da insalubridade, por vezes evitada a partir de uma atenção maior de políticas públicas. O corpo, como presença factual no mundo, então, está aberto a uma percepção de mundo que pode, ou não, nauseá-lo, sendo o modo de aparecimento do mundo que promove a reação, podendo, no extremo, matá-lo. A situação do corpo como caminho para a mente, não só pode debilitá-la inteiramente - em situações graves de esquizofrenia – como também - talvez ainda mais comum - sequelar ou falecer o corpo. Isso, retoma-se, não pode ser pensado como fator natural, pois a natureza transformada por um meio de existência possui uma intencionalidade raciocinada. Assim sendo, existir ao mundo é perigoso, já que pode ser considerável uma guerra entre a existência com outras existências que trabalham para tornar, as primeiras, desamparadas.

Ao se considerar ser, a liberdade, comum a todas as existências que compartilham factualmente um mesmo mundo, percebe-se que tal experiência torna-se uma questão fortemente política, compartilhada do mundo geográfico, configurando o complexo patológico do meio geográfico e instigando a náusea tanto aos marginalizados quanto aos privilegiados. Entende-se que “corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles ”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 122) Nesse fluxo de alerta sobre a importância da corporalidade, corresponde a necessária posição do corpo em seus direitos de viver dignamente, pois, se o mundo é todos, logo, todos possuem o dever, para com os outros, de instaurar uma sociedade que felicite a humanidade. A perspectiva de um mundo compartilhado só acontece quando a percepção da corporalidade substituir o individualismo pelo coletivismo. Necessita-se do sentimento existencial de ser-para-com-os-outros, visado para se conjurar o projeto no qual a náusea, introjetada pelas condições desumanas na geograficidade da vida coletiva, não seja tão comum em uma vastidade perversa para com a humanidade promovida pela própria (des)humanidade.

**Considerações finais**

Adentrando-se nas proposições da geografia e da psicologia, aprofundou-se em suas dinâmicas que se conectam pelo conceito de meio. Assim, conheceu-se a geografia psicológica enquanto possibilidade sorreana de perpasse de ambas as ciências em um imbricar favorável a elas, engendrando, em conjunto, tanto a noção existencial do estar situado geograficamente em uma espacialidade, quanto, e principalmente, a posição de que a espacialidade é uma construção transformada e intencional. Com isso, possibilita-se pensar em uma geografia psicológica de cunho existencial, ou seja, uma geografia psicológica existencial, na perspectiva, sobretudo, sartreana, em que a instigação da experiencialidade geográfica alude aos lugares, na diferencialidade temporal, e suas conexões para com as patologias, tanto psíquicas, quanto, na analítica dos sentidos, corporais devido ao meio geográfico racionalmente estipulado e orientador das desigualdades, provocando náusea tanto aos marginalizados (por sua situação) quanto aos privilegiados (por estarem em um mundo cujas insalubridades, por vezes, são por eles provocadas ). Nesse visionamento, alude-se a uma construção epistemológica da geografia como psicologia que permite, inclusive, pensar em uma psicologia geográfica de forma social de cunho não apenas terapêutico, mas também, político. Pontuou-se, então, que o ser e o meio possuem uma ligação que se abre tanto para topofilias quanto para topofobias, sendo a corporalidade responsável pela trama da relação que convoca à mente suas questões.

O corpo, enquanto direito existencial de ser lançado no mundo factual, necessita de um visionamento compartilhado para uma sociedade coletivista; isso se dá pela moralidade das políticas públicas acerca da melhoria ou do agravo da qualidade de existência. Apresentaram-se as diversas náuseas, sobretudo pela espacialidade corporal, representando as doenças tabuladas em um quadro relativo às insalubridades geográficas, marcando situações que escancaram problemáticas possíveis de resolução. Assim, percebe-se a carência de humanidade para com o coletivo humano, haja vista a desigualdade de investimentos – por exemplo, a gentrificação de certos meios estimulando as expulsões – domínio da imagem de um mundo geográfico perverso quanto à vivência com saúde. Atenta-se, por fim, que a geografia psicológica não só atesta a náusea à totalidade humana, à experiência compartilhada, provocada pelos meios aversos à vida saudável e para com o existir desses meios, mas também afirma-se enquanto possibilidade de compreensão em análise da *psique* pela existência geográfica, fornecendo maior empatia ao psicanalista e, ademais, proporcionando caminhos para alteridade cívico-política.

**Referências**

JESUS, Emanuel. Interface entre a Climatologia e a Epidemiologia: uma abordagem geográfica. **GeoTextos**, vol. 6, no. 2, p. 211-236, dez. 2010.

LOPES, Jahan. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. São Paulo: **Boletim Paulista de Geografia**, no. 102, dez. p. 48-62, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

SARTRE, Jean-Paul*.* **A Náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e O Nada***:* ensaio de Ontologia Fenomenológica. 24a Ed. Trad. Paulo Perdição, Petrópolis: Vozes, 2015.

SORRE, Max. **A adaptação ao meio climático e biossocial**: Geografia Psicológica. 1954.

TORRES, Rozalia. A Geografia e a Psicologia: aproximações através do uso da associação livre para o estudo das representações sociais. Porto Alegre: **Boletim Gaúcho de Geografia**, no. 34, p. 57-76, maio, 2009.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanista. In: CRISTOFOLETI, Antonio. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL 1982.

WHO (World Health Organization). **Health and Environment in Sustainable Development – Five years after ther Earth Summit**. Executive Summary. Geneva: WHO, 1997.

1. Graduando na licenciatura e bacharelado em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Jahan\_natanael@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)